

HABITAR AS FRONTEIRAS COM CORAÇÃO SEM FRONTEIRAS

**Jesus, Paulo, a comunidade apostólica e
as fronteiras: uma reflexão bíblica ecumênica**

*de Tea Frigerio, mmx
t_frigerio@hotmail.com*

RESUMO: A escrita nasce da provocação: habitar as fronteiras com um coração sem fronteiras. Uma provocação que exige movimento, exige saída, e o verbo sair é sentido como o DNA de sermos discípulos e discípulas. Daquele que saiu para assumir a humanidade e habitar conosco em nossa casa comum. Filhas e filhos do verbo sair, trilhar o caminho de habitar a fronteira, convertendo-nos à fronteira.

ABSTRACT: The writing is born from the provocation: To inhabit the borders with a heart without borders. A provocation that demands movement, demands going out, and the verb to go out is felt as the DNA of being disciples of the One who came out to take on humanity and dwell with us in our common home. Daughters and sons of the verb to leave, to tread the path of inhabiting the frontier by converting ourselves to the frontier.

ABRIR A CONVERSA

“Jesus, Paulo, a comunidade apostólica e as fronteiras: uma reflexão bíblica ecumênica”. Foi o tema que me foi proposto e apresentei no Simpósio on-line organizado pela Rede Latino-Americana de Missiólogos e Missiólogas de 18 a 23 de setembro de 2023. O tema me remetem à utopia do III Isaías 65,17 – “vou criar um novo céu, uma nova terra” – que ecoa nas palavras do autor do Apocalipse 21,5: “Eis que eu faço novas todas as coisas”. Palavras proféticas, palavras apocalípticas. Sim porque hoje nós amantes da eclesiologia das CEBs, ou como nos propõe Papa Francisco, ser amantes da eclesiologia sinodal, exige de sermos apocalípticos. Apocalípticos, não

no sentido de proclamadores e proclamadoras de ruínas e de fim de mundo, mas sim pessoas resilientes que mantêm viva a utopia de Jesus de Nazaré, a utopia de Paulo de Tarso de sermos *ekklesia*, Assembleia alternativa que não se conforma à lógica deste ‘mundo’ (Rm 12,2).

Confesso que talvez esta minha conversa esteja ainda influenciada pelo caminho percorrido na Ampliada Nacional das CEBs, seja na preparação como na realização ao 15º Intereclesial acontecido em Rondonópolis de 18 a 22 de julho de 2023, cujo tema foi: *CEBs: Igreja em Saída, na busca da vida plena para todos e todas. “Vejam! Eu vou criar novo céu e uma nova terra!”*.

As palavras do profeta ressoam em nós criando imagens, pisando realidade, acordando e acalentando utopias. A utopia nasce da realidade. O sonho que ela encerra brota da ausência. Realidade marcada pela ausência do que se sonha: ausência de vida, dignidade, comida, casa, terra, céu. Realidade sofrida. Realidade dura, violenta, até com colorido de morte, mas que não mata a esperança no povo resiliente.

Dois rios de água pura alimentam o esperar: o rio da utopia e o rio do rito.

O rio da utopia tem sua nascente no mito. O mito é coisa séria. É fonte escondida que atua poderosamente, é fonte de água viva (Jo 4,13-14). É memória coletiva do povo, sua origem, sua identidade. No mito o povo expressa quem é, de onde vem e para onde vai. Descreve como se relaciona com o Divino, com a Casa Comum, na sociedade, consigo mesmo. As narrações ajudam a compreender os fatos da vida ligando-os às suas origens. Ajudam a se situar no ‘espaço’ e no ‘tempo’ estabelecendo um quadro de referências que dão segurança e identidade.

A utopia/mito acorda a memória da origem de toda expressão de vida, da cultura, dos costumes. Falam de tudo que faz parte da vida. Falam da Casa Comum, da solidariedade humana, da convivência na Casa Comum. Falam da Divindade como origem da vida.

Em tempo de crises, de mudanças, de derrota, quando a identidade é ameaçada, a utopia/mito entra em ação e ajuda o povo a defender-se, a reencontrar-se, recriar-se através dos ritos, das celebrações, das danças, das peregrinações, das visitas, etc. A utopia/mito torna a vida inteira um rito. E as palavras do profeta Isaías nos ajudam a compreender quem somos, de onde viemos, e para onde vamos.

O segundo rio que alimenta a esperança é o rio do rito. A utopia/mito é como uma música. As notas musicais escritas no papel são mudas, mas quando ativadas pelo toque de instrumentos musicais, interpretadas pelas vozes, elas nos conectam e nos fazem entrar em comunhão com a inspiração original do artista. Acreditamos que o artista seja o Divino. Nasce, então, o rio do rito. Quando ativado através das águas do rito, a utopia/mito faz o 'eu' da pessoa encontrar o 'nós' da comunidade, do povo. Integra a pessoa e lhe dá identidade. Quando o rito é ativado através dos costumes e tradições, das celebrações e romarias, leitura orante e círculos bíblicos, novenas e visitas, narrações e solidariedades, empenho e luta a utopia se torna próxima na realidade. Neste processo a Palavra de Deus nos coloca em contato com a inspiração original que deu origem ao Povo de Deus, ao Povo das CEBs. Faz-nos entrar na correnteza do rio rito que tudo purifica e renova, alimenta a resistência, a esperança se torna esperar. A correnteza das águas leva, faz o processo acontecer no cotidiano e no social, no pessoal e coletivo, enfim no eu e no nós.

O tempo da utopia/mito é ontem e amanhã. O tempo do rito é hoje. O rito é o espaço onde vivemos o esperar, construímos a utopia. O rito nos coloca em saída, nos faz perceber que a água de hoje não é a de ontem, que a paisagem mudou e, compreendemos que a utopia se realiza na interação entre hoje e ontem, entre mito e rito.

... O tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha à ré. Trata-se de privilegiar ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvol-

verão até frutificar em acontecimentos históricos importantes ... gerar processos que construam um povo ... desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser a plenitude da existência humana, de acordo com o caráter peculiar e as possibilidades da dita época (EG 223-224).

A palavra de Papa Francisco evoca para nós *processos, crescimento, dinamismo, gerar processos, desenvolve e alcança ...* termos que nos colocam em movimento que como pequenas luzes apontam para onde ir nossa reflexão, mas mais que reflexão o movimento e vivencia de *habitar as fronteiras*. E, assim continuo minha conversa com um verbo: SAIR.

SAIR

Habitar as fronteiras supõe um movimento de saída. Papa Francisco nos ajuda a aprofundar:

É tomar iniciativa, sem medo de ir ao encontro dos que estão à margem, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos e excluídas (cf. EG 24).

É passagem da autorreferencialidade, centrada em si mesma, para uma atitude aberta à alteridade, porque *“quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro, a outra e buscar o seu bem”* (EG 9).

É acolher o chamado a uma saída missionária sempre em novidade (cf. EG 20), sem medo de enfrentar os cenários e os desafios próprios da missão evangelizadora.

É um convite a uma nova práxis eclesial/missionária, na visão de Francisco, *“não se pode deixar as coisas como estão. Não nos serve uma ‘simples administração’”* (EG 25).

Diante dos desafios da missão, o Papa convida a uma saída missionária. Isso é, sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar e habitar as fronteiras que precisam da luz do evangelho (cf. EG 20).

Saída é missão. Missão é o encontro de Divino com o Mun-

do, do Divino com o Humano. Missão é um processo de inserção, de relação, de comunhão, de urgência, que *não se realiza sem tensões e lutas*.

SAIR nasce da PROVOCAÇÃO de um NÃO, que tem como resposta a PROVOCAÇÃO de um SIM. O verbo SAIR é fundamento, é nascente do sermos Igreja em saída, assim como nossos antepassados e antepassadas o foram: *somos filhos e filhas do sair*. Sair é nossa herança.

Sair é resposta a uma provocação que vem através de um grito, um chamado, uma situação. Sempre há um *não vida*, que clama por *vida plena*.

Sair para habitar as fronteiras. Ouso voar como águia sobre nosso Texto Sagrado e apontar umas luzes, convido a voar comigo e neste voo perceber outras luzes.

A Divindade desceu, para estabelecer morada no meio do povo teve que sair. De ponta a ponta, o verbo sair, é o fio que costura todo o texto sagrado.

A Divina Ruah saiu para pairar sobre o caos, fazer acontecer a harmonia e o desabrochar da vida (Gn 1,1ss).

Abraão aceitou o convite de sair e, de saída em saída se tornou nosso pai na fé (Gn 12,1ss).

Agar teve que sair, se colocar a caminho no deserto, arriscar sua vida e a vida do filho e, na nascente, viu, foi vista e, se tornou mãe de um povo forte (Gn 16,7ss; 21,14ss).

No êxodo, Javé viu, ouviu e desceu. Ele se deslocou, teve que sair para fazer acontecer a libertação (Ex 3,7ss).

O povo teve que sair, caminhar pelo deserto para aprender o bem viver. JAVE é como o rio que desce e convida a sair, se colocar a caminho, atravessar as águas para entrar na terra do bem viver.

Debora teve que sair dos paradigmas de seu tempo para responder ao clamor do povo e dizer com Jael: basta invasões predatórias (Jz 4 e 5).

Elias teve que sair do palácio do rei para experimentar que se pode viver do que a natureza e a hospitalidade oferecem, aprender que o Deus na vida é o Deus da brisa leva sempre in novidade, livre e libertador (1Rs 17; 19,11-13).

Noemi e Rute saíram e voltando constituíram uma aliança, resgataram leis que asseguravam para elas e para o povo pão, terra, teto e futuro.

Ester teve que sair dos privilégios de rainha, colocar sua vida em risco para proteger a vida do povo (Est 5).

Judite teve que sair de sua viuvez para denunciar que não se coloca Deus à prova, se confia Nele acreditando no Deus verdadeiro que age libertando através do seu agir (Jt 8,1ss).

Saiu Maria carregando no ventre o filho anunciado (Lc 1,39), a Palavra que se faz Humanidade e coloca sua tenda no meio do povo (Jo 1,14).

Poderíamos continuar voando e elaborando um cântico/ladainha para cantar, dançar e viver o verbo sair que costura a história da Divindade que sai e caminha com seu povo.

Percebemos que 'sair' se coloca sempre nas fronteiras. Sair para se deslocar para periferia, para se deslocar para as fronteiras. Habitar a fronteira, ser fronteira para fazer acontecer. Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras, exige deslocamento, esvaziamento que penetra em todos os níveis da existência desde o geográfico até o espiritual/místico.

Sair, para onde? Porque? Para que? Como? Deixando o que?

Sair tendo um objetivo, uma meta, um projeto, um processo para fazer acontecer mudança, transformação, vida: passar do não ao sim, da morte à vida. O sair sempre exige um deixar, se colocar em movimento, iniciar um processo para fazer acontecer.

Olhando bem dentro das narrações do texto sagrado, sempre há um não à vida que provoca movimento, processo que exige como resposta um sim à vida. No movimento, no processo não en-

contramos um, uma protagonista, solitária, isolada, um ser heroico personalista, mas há sempre companheiros, companheiras, aliados e aliadas, um coletivo, comunitário, uma equipe visando a vida, vislumbrando superar o não à vida para um sim à vida do povo.

Habitar as Fronteiras com coração sem fronteira nos convida a fixarmos nosso olhar sobre alguns panos desta nossa colcha de retalhos para nos deixar iluminar.¹ E, quero continuar minha reflexão ousando colocar em paralelo Jesus e Paulo para colhermos a continuidade que há entre eles e o ‘decolonizar’ que há seja em Jesus como em Paulo.

JESUS ... PAULO

Principiamos a olhar para Saulo, o Maior, deslocando o olhar para Paulo, o Mínimo. No caminho de Damasco um grito provoca nele um deslocamento, uma mudança, que exige sair de um caminho para enveredar noutra direção, vislumbrando o novo, vai entrar num processo de conversão que o leva a reelaborar (na nossa linguagem “decolonizar”) sua teologia, Tateando um método, uma pedagogia, não sozinho sempre em equipe.

O seu foi um chamado apocalíptico ... Nossos tempos são apocalípticos ... Jesus é um apocalíptico ... Paulo, as primeiras comunidades são apocalípticas. Porque são apocalípticas? O são porque à luz que os guias são novo céu e nova terra, o Reino, é o já e ainda não, o esperar.

Mais adiante retomo isso se o tempo permitir. Mas aqui quero refletir colocando-o em paralelo a nossa nascente Jesus de Nazaré e perceber como Paulo embora não tendo conhecido pessoalmente Jesus de Nazaré bebeu à sua fonte, sua luz e o guiou no processo de inculturar e decolonização a Boa Nova.

¹ Em outros artigos uso a imagem colcha de retalhos (patchwork), para refletir sobre o texto sagrado. Aqui aplico a imagem neste sentido: as narrações são retalhos costurados pelo fio colorido que é o verbo sair.

Nascer ... Sair

Jesus nasce, vive em Nazaré, mas a certa altura de sua vida se desloca, sai e se coloca a caminho. O que o faz sair de Nazaré? A realidade! O grito que vem do povo pela opressão do Império Romano, pela estrutura religiosa que colocava o povo à margem, que estavam desestruturando a casa. Sair, para ir ao encontro. Sai de Nazaré e se desloca para Cafarnaum provocado pela realidade. Deslocamento que coloca Jesus a caminho, num processo que marcará toda sua vida: habitar as fronteiras.

Saulo também sai e se torna Paulo. Judeu convicto tem sua primeira provocação no assassinato/martírio de Estêvão, seu amigo, seu companheiro na escola de Gamaliel (At 7). No caminho de Damasco uma luz o cega, “cai” do cavalo. Falamos isso para significar que ele foi tocado, provocado a se colocar em saída, do ser profundamente judeu da tribo de Benjamim, circuncidado, por opção fariseu, a se considerar o último dos últimos no conhecimento de Jesus Cristo (Fl 3,7-14). Se coloca em saída, se desloca.

Sair para onde?

Jesus sai para onde? Para a beira mar. Sua vida foi colocar-se nas fronteiras, geograficamente, socialmente, religiosamente. Sair das estruturas colocar-se à margem: pensar e agir a partir da margem e com os emarginados. Pensando no nosso tema podemos dizer: habita as fronteiras com coração sem fronteira e, quando se afasta desta opção criando muros, uma mulher cananeaia os derruba (Mt 15,21-28).

Paulo é trazido por Barnabé na comunidade de Antioquia, pequena comunidade que vivia à margem da estrutura social e judaica da cidade. Desta comunidade sai em equipe e vai percorrer as estradas que conduzem as cidades greco-romanas fazendo-se ultimo com os últimos, optando para se sustentar com o trabalho manual de tecelão de tendas, e deste lugar de margem anuncia a Boa Nova fazendo surgir comunidades (At 20,33-35).

Rumo ao horizonte

Jesus tem no seu horizonte o Reino. Qual é o horizonte de Paulo? Embora não apareça no seu vocabulário seu projeto é o Reino.

Jesus ao sair a beira mar em Cafarnaum seu primeiro agir é criar um pequeno grupo de homens e mulheres. Ao mesmo modo, Paulo sai em equipe e em cada cidade suscita pequenas comunidades.

O pequeno grupo com o qual Jesus vai percorrendo a Galileia, a Samaria e a Judeia o que faz? Cura, expulsa demônios, inclui, perdoa, restitui a dignidade, abre os olhos, aprende e vive uma nova lógica. Um agir alternativo à sociedade em que estão vivendo: os leprosos ao ser curados são reintegrados na sociedade, as mulheres se tornam discípulas, apóstolas apóstolorum, as crianças símbolo do Reino; o ser humano, a vida tem valor não a lei; seu não à estrutura do templo é radical; à Samaritana que pergunta onde adorar revela que na vida se encontra e adora o Divino porque tudo é sagrado (Jo 4,23-24)²; as estruturas que matam têm que deixar lugar ao amor ao perdão, à inclusão. O agir de Jesus não é somente ao seu redor, mas um agir também para dentro do grupo: há mulheres, homens, pescadores, judeus, gregos, samaritanos. O grupo vive com Jesus, vive um agir novo, relações novas não só fora, na sociedade, mas um agir novo, relações novas no grupo: entre vocês não deve ser assim (Mt 20,24-28; Mc 10.42-45).

Jesus é marco de mudança na história.

Colocou-se radicalmente nas fronteiras das estruturas de seu tempo. O templo não está no seu horizonte a não ser para criticar sua estrutura corrupta. Não estando o templo no seu horizonte não há sacerdócio: a vida é sagrada é nela que encontramos o Divino, sem mediação; Jesus nasce leigo, vive como leigo, morre leigo. Na cruz o seu coração, ferido pela lança, se

² <https://www.missiologia.org.br/cemla/cemla-caderno-10>, p.129-145

torna útero que derrama sangue e água e dá à luz a comunidade doando-lhe seu Espírito: a comunidade, é sua continuidade. Da fronteira da Cruz, o Coração que ama sem fronteiras se torna útero que vive: “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,22).

“Vão dizer aos meus irmãos que estou vivo” (Mt 28,9-10; Jo 20,14). Jesus e as mulheres, as mulheres e Jesus: um caminho de companheirismo, cumplicidade, aprendizado recíproco, inclusão, amizade. Marta, as Marias, Maria de Magdala, Joana, Susana, Cananeaia, Prostituta, Adultera ... Junto quebram todos os tabus de pureza, exclusão social, desacerdotalizando a estrutura de “igreja/templo”, apontando o novo reconstruindo as relações na casa, a partir da casa. Jesus sai Nazaré cruza horizonte, abre fronteira, habita fronteiras com coração sem fronteiras.

Paulo caminha no mundo greco-romano. Seu andar é em equipe, come Jesus vai na sinagoga, mas quando não é acolhido a deixa. Seu anúncio convoca pessoas a se reunir em pequenas comunidades nas periferias da estrutura de cidade do império romano, da religião judaica. Pequenas comunidades provocadas a viver novas relações: Priscila e Áquila, Lídia, Onésimo, Ápia e Filemon, Febe. Homens e mulheres experimentam novas relações, nova humanidade. A *ekklesia* que está na casa deve ser alternativa a *ekklesia* da cidade.

A Comunidade tem que ser primeiramente um espaço de novas relações “*não há judeu nem grego, não homem nem mulher, não há escravo nem livre* (Gl 3,28)). Paulo traz o Divino na realidade; provoca mudança de linguagem, que levam a mudar de mentalidade, de paradigma, de vivência, de relações.

Em seu primeiro escrito a 1ª Carta aos Tessalonicenses afirma repetidamente que Jesus Cristo é o Senhor e não o imperador; repetidamente afirma que na comunidade somos irmãos e irmãs. Ao fazer isso convida os cristãos e cristãs de Tessalônica a mudar de paradigma: na comunidade não há estrutura piramidal, na comunidade vive-se relações de irmãos e irmãs.

Na 1ª Carta aos Coríntios escreve: *“ouço dizer que uns comem, até passar mal, envergonhando os pequenos, na noite em que Jesus foi entregue ...”* (1Cor 11,18ss). Paulo está decolonizando as comunidades greco-romanas, está provocando a inculturar a Boa Nova de Jesus de Nazaré. Na comunidade tem que ter relações alternativas, mas para isso é necessário mudar de paradigma, mudar de mentalidade: *“Deus escolheu o que é loucura no mundo, o que é fraqueza, aquilo que o mundo despreza, acha vil, não tem valor isso Deus escolheu...”* (1Cor 1,26-31).³

Sair geográfico, sair social, sair religioso, sair eclesiológico, sair de paradigmas, sair ... O verbo sair é verbo fundante para habitar as fronteiras.

FRONTEIRA ... MARGEM ... LIMITE

Ao olharmos para Jesus, para Paulo percebemos com força que não partiram da estrutura, se colocaram na fronteira a partir da fronteira. O que é colocar-se na fronteira? Colocar-se na fronteira é se colocar no limite, é se tornar liminar. Em todas as sociedades existem pessoas liminares (Jesus, Paulo, o Movimento de Jesus, Francisco de Assis ...). O que significa isso? Fazer a experiência de um Deus que ouve, escuta, desce e vai ao encontro. Ir ao encontro, dar resposta ao clamor precisou sair, para encontrar se deslocar, descer no limite, à margem, lá onde se eleva o clamor. Vai ao limite. Limite que é recomeço!

Colocar-se no limite, muitas vezes exige rupturas, é acordar a memória de uma sociedade, de uma humanidade cujo centro é a vida e não as estruturas. Numa Igreja que esquece seu arquétipo de ser povo de Deus, qual será o limite que vai acordar o compromisso de ser Igreja povo de Deus? Habitar as fronteiras vai acordar na Igreja seus compromissos com a vida, com a casa comum, com os últimos, de ser pobre com os pobres, de ser laical, sinodal, de ser Igreja em saída. Somos filhos e filhas do verbo sair.

³ <https://www.missilogia.org.br/cemla/cemla-caderno-8>, p. 78-107

UTOPIA APOCALÍPTICA

Antes falei: nossos tempos são apocalípticos ... Jesus é um apocalíptico ... Paulo, as primeiras comunidades são apocalípticas. Porque são apocalípticas? O são porque à luz que os guias são novo céu e nova terra, o Reino, são o já e ainda não, o esperar.

Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras é utopia apocalíptica hoje.

A apocalíptica desde o seu nascimento tem grande poder querigmática: proclama a esperança quando tudo parece perdido; sustenta a fidelidade a Deus quando o que foi recebido não responde adequadamente as crises do presente.

Em tempo de crise a tendência é fortalecer as estruturas, codificar em normas e leis, assim fez o judaísmo. Os grupos apocalípticos, por serem “visionários” fugiram deste controle e na percepção do novo, tentaram viver a fidelidade a Javé e a seu projeto, arriscando caminhos ainda não trilhados.

A profecia nascida do lado do povo que se sentia responsável pela história tinha o poder de interferir nela. No momento em que o povo faz experiência, que a história foge do seu controle, escapa de suas mãos, quando tudo parece perdido nasce o Movimento Apocalíptico.

Não nasce do lado do poder, mas do lado de quem sofre na história e se sente perdido nela. Não nasce do lado de quem se sente dono dos destinos das nações e dos povos, mas do lado dos pequenos que são privados de qualquer poder e são oprimidos por quem domina a história.

Os profetas convidavam a entrar na luta. Os apocalípticos animam a permanecer, a resistir na luta. Esta fé proporciona aos que resistiam a capacidade de ler a história. Com esta fé aparentemente irreal, sem fundamento, visionária, eles resistem aos poderes que ameaçam, perseguem, marginaliza.

Quando a comunidade cristã surge no meio de um poder tão abrangente, surge justamente como um grito de esperança.

De uma esperança que é “escândalo” e “loucura” (1Cor 1,21-25), porque não corresponde a racionalidade do poder e sim como experiência da cruz. É uma racionalidade incompreensível para os poderes deste mundo (1Cor 2,2-8).

O Império romano tinha consciência que sua maior vitória estaria na capacidade de despojar suas vítimas até da esperança. Os cristãos perceberam que renunciar a esperança seria renunciar a vida. Por isso quando toda esperança razoável parecia desaparecer do horizonte a causa dos acontecimentos históricos (perseguição de Nero, Domiciano; derrota da guerra judaica), procuram manter viva a esperança através de uma “*irracionalidade política – religiosa*”. Descer da racionalidade do poder e se dispor a “*dar razão da esperança*” (1Pd 3,15).

Paulo se torna apocalíptico, assume a linguagem apocalíptica para que os cristãos ao viverem nas comunidades a proposta de Jesus Cristo, possam criar outro universo ideológico, mantendo sua identidade, resistirem ao dragão que quer engolir tudo, manter viva sua esperança quando percebem que Jesus não vai voltar já, já.

Neste momento me vem à mente umas palavras que o padre José Comblin escreveu para a Revista Vida Pastoral n. 211 março-abril 2000, e que poderíamos adaptar ao olhar nosso hoje:

O mundo dos excluídos veio para ficar ... Quem nasce no mundo dos excluídos já nasce excluído e nunca poderá recuperar a distância que o separa de quem nasceu numa família incluída ... Anunciar o fim da exclusão é irresponsabilidade, porque, com isso, deixa-se que as pessoas fiquem na ilusão, atrasando-se as disposições a serem tomadas em virtude da situação que existe ... Continua-se a fazer o discurso da opção pelos pobres e excluídos, no entanto, esse discurso fica cada vez mais distante da realidade ...

Talvez estas palavras nos choquem ao lê-las, pois nos obrigam a olhar com certo desencanto a realidade brasileira e mundial hoje. Elas nos obrigam a refletir a nos perguntar ainda hoje: o Mundo dos excluídos veio para ficar? Quem nasce excluído nunca poderá ser incluído? Anunciar o fim da exclusão é irresponsabilidade? Cadê a esperança cristã?

A estas interrogações cada uma e cada um de nós pode acrescentar outras que brotam da nossa vida, que nasceram naquele tempo, assim como podemos colocar as de hoje: o nazifascismo, o capital se concentrando sempre mais, o lucro acima de tudo, genocídio, etnocídio, ecocídio, feminicídio, constelações de guerras, migração, intolerância, racismo, uma igreja profundamente dividida, uso e manipulação da religião, do Divino ...

Pensamentos, reflexões, perguntas que fazem nossa cabeça fervilhar.

Fervilhar como a cabeça de Paulo devia fervilhar ao escrever a Carta aos Gálatas. Como devia fervilhar quando lhe relataram das divisões presentes na comunidade de Corintos. Como devia fervilhar ao olhar a atitude passiva dos cristãos de Tessalônica que esperavam a volta iminente de Jesus, o Senhor. Como devia fervilhar para encontrar as palavras certas para escrever a Filemon. Como devia fervilhar frente à escravidão e exclusão, marcas registradas do Império Romano. Como devia fervilhar quando deu voz ao gemido da criação cativa. Como devia fervilhar ao refletir a respeito da experiência de liberdade que vivia após o acontecimento de Damasco. Como devia fervilhar ao se interrogar sobre os passos a serem dados para que outros, outras, pudessem viver esta experiência tornando-se *ekklesia* – assembleia – casa – comunidade espaço de relações alternativas.

Jesus, Paulo, o Movimento de Jesus habitaram as fronteiras, se tornaram fronteira, pois saíram do traçado. Peço desculpa se fixo meu olhar em Paulo. Ele se pôs na fronteira do mundo judaico, do ser cidadão romano, dos critérios apostólicos. Se colocar na fronteira e com seu anúncio provocar experiências humanas e comunitárias inéditas para seu tempo. Ousar escrever a Filemón ao mandar de volta Onésimo “... *não mais como escravo, mas bem melhor de que como escravo, como irmão amado*” (Fm 16).

Paulo ousa falar de liberdade num mundo de escravidão, pois a experiência que ele estava vivendo era de profunda liberdade: “*Não sou, porventura, livre? ... ainda que livre em relação a todos, fiz-me servo de todos ...*” (1Cor 9,1.19). Experiência de

liberdade que o leva a anunciar a boa notícia da liberdade, que o leva a tomar consciência que há um só caminho possível: criar experiências de liberdade, espaços de liberdade, atitudes de liberdade, ações que testemunham que é possível ser livre, viver livre, ter relacionamentos marcados pela liberdade.

Experiência de liberdade que o torna capaz de ler seu momento histórico, que lhe faz intuir e traçar o caminho: criar uma linguagem, um pensar, uma ideologia, um crer alternativo ao sistema vigente. Experiência de liberdade que o torna ousado capaz de traduzir a boa notícia nascida num mundo rural para o mundo da cidade; capaz de inculturar a boa nova do reino, enraizada na religião judaica, num mundo pluricultural e plurirreligioso; capaz de colocar em xeque a circuncisão, capaz de tornar a boa notícia resposta de esperança aos anseios de muitos.

Experiência de liberdade que se traduz numa profissão de fé batismal: *“... pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus.”* (Gl 3,27-28).

Experiência de liberdade que o faz orar: *“Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação ... Ele veio e anunciou a paz ... por meio dele, nós judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso ao Pai”* (Ef 2,14-18).

Experiência de liberdade que marcou seu caminho missionário, que o tornou ousado na escolha dos itinerários, que o tornou destemido sem medo de ser abandonado, criticado, combatido, acusado, que o tornou capaz de amar profundamente seu povo de origem, até largá-lo e se voltar para outro povo a fim apontar e seguir os caminhos da Divina Ruah.

Nosso olhar, hoje, percebe o “poder tecnológico”, a propaganda das liberdades pessoais, a irresistibilidade do enriquecimento e do consumo, os deuses do poder e do mercado. As Igrejas se rendem à idolatria, transformando-se em pregadoras do sucesso, de meritocracia, do consumo e do prazer. Deus/Deusas são pregados como “empreendedores, banqueiros, ricos e negociantes”.

As comunidades de resistência e de vida alternativa mais socializada, mais igualitária, são bombardeadas por pressões de todos os tipos, da ridicularização verbal à violência física. Estados e leis, organizações e meios de comunicação exercem sobre todas as pessoas o poder de “coerção e aliciamento”, como o Cordeiro do apocalipse (Ap 13,11ss), “informando” e “incluindo”, por um lado, e “deletando” e matando, por outro. Quem não entra no “esquema” não existe; quem não tem dinheiro não vive; quem não compete não se instala. Resistir, sob essa pressão, não é fácil. Muito mais difícil é construir o novo, que requer ideias, ética, projetos, relações, afetos e estruturas novas sempre em renovação. Lembremos que toda fixação tem marcas da idolatria, da imperfeição.

Habitar as fronteiras para, a partir e com elas, transformar as mentes, paradigmas. Nosso horizonte, porém, não se resume às igrejas, se abre à vida social, ecumênica e cósmica. Não se trata apenas de mudança institucional, de paradigmas, mas do modo de viver.

Continuando a tradição paulina seguimos uma utopia, o Reino de Deus, novidade reveladora da presença de um novo rosto de Deus/Deusa, na escuta atenta da realidade. Essa utopia não se nega a tomar posição por justiça. Ansiamos pela vida nova no Espírito solidário com os gemidos da criação e da humanidade. Essa novidade de vida tem como referências “graça, justiça, fé, universalidade e paz”.

Se as forças de morte se instalaram no mundo pelo pecado de todos, pondo tudo a gemer e ansiar por liberdade, a Ruah se faz presente no mundo pelo rosto divino manifesto em Jesus. A Ruah, Espírito que está em Jesus é o mesmo que requer a entrega dos “corpos”, através da fé, à novidade de vida, para que as sementes da nova vida se espalhem pelo mundo e o renovem. É a Ruah/Espírito, presença vivificante em toda história, que se une à nossa fraqueza, despertando em nós o anseio de nos tornarmos filhas e filhos de Deus (Rm 8,18-27).

Deixar-nos levar pela Ruah/Espírito é unir o seu gemido ao nosso e ao de toda a natureza. É permitir que ela nos leve ao

encontro das pessoas, cristãs ou não, que estão buscando estas luzes. Permitir que ilumine nossa fé, o nosso agir, respondendo às interpelações de Deus na história hoje. A utopia, que nos reúne nesse processo de transformação, é o universo libertado, a *oikos*, a casa comum de todos os seres vivos, em cujo centro a Divindade arma sua tenda.

Somos, portanto, neste tempo, convidadas e convidados a elaborar novas ideias, superar formas e esquemas, e lançar-nos, com nova mentalidade, a ler o texto sagrado e, acima de tudo, a encher-nos de novas práticas que seguem as pegadas Daquele que saiu, veio habitar as fronteiras, veio morar entre nós.

Não sei porque chegada ao fim desta conversa veio aos meus ouvidos esta música do cantor macapaense Zé Miguel. Partilho com você a letra, fala de voar, de habitar, de amar, de ousar e se sentir em casa nas fronteiras. Se quiser ouvir é linda procurem no Youtube.

Perola Azulada

Zé Miguel

*Já aprendi voar dentro de você
Ancorar no espaço ao sentir cansaço
Ossos da jornada*

*Já aprendi viver como vive nu
Um cacique arara cultivando aurora
Luz de sua tiara.*

*Eu amo você terra minha amada
Minha oca meu iglu, minha casa
Eu amo você pérola azulada conta
No colar de Deus, pendurada
A benção minha mãe.*

*Já aprendi nadar em seu mar azul
Adorar água, homem peixe, água
Fonte iluminada*

*Já aprendi a ser parte de você
Respeitar a vida em sua barriga
Quantos mais vão aprender*

Eu amo você ...

*Terra, terra por mais distante o errante
Navegante quem jamais te esqueceria.*

PARA REFLETIR

- Continuar o cântico/ladainha de narrações do Texto Sagrado onde sobressai o verbo “sair”.
- As ideias no texto que provocam a reflexão: Habitar as fronteiras com coração sem fronteiras: concorda ... discorda ... complementa ...